



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA A COMPREENSÃO DE FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS DO SERTÃO DA RESSACA

Kaio Silveira Queiroz \*  
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva†  
(UESB)

#### RESUMO

O presente estudo procura discutir teoricamente a necessidade da inclusão de visões sociais e sócio-históricas na interpretação da formação do Português Popular do Brasil. Para isso foi utilizado o relativismo cultural como suporte para enriquecer pressupostos sócio-históricos da Sociolinguística Laboviana.

**PALAVRAS-CHAVE :** Relativismo cultural, Sociolinguística, Português Popular.

#### INTRODUÇÕES

O presente estudo procura estabelecer um diálogo entre o relativismo cultural adotado pelas Ciências Sociais (Sociologia) e a Sociolinguística Variacionista Laboviana,

---

\*

† \*Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. Bolsista FAPESB ([kaiosilveira5@hotmail.com](mailto:kaiosilveira5@hotmail.com))

\*\* Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. ([valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)) \*\*\* Doutor em Letras (área de concentração em Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenador do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. ([adavgstvm@gmail.com](mailto:adavgstvm@gmail.com))



procurando explicar a origem e a formação do Português Popular, a fim de servir de base para estudos realizados com o corpus do Português Popular de Vitória da Conquista.

Embora seja uma abordagem predominantemente teórica, o texto discute questões que corroboram para situações de contato e visam a trazer evidências acerca da ineficaz utilizada da deriva secular (*drift*) como arcabouço teórico explicativo para a origem do vernáculo popular conquistense.

Dividimos o estudo em três partes: no primeiro, apresentamos o relativismo cultural, numa análise teórico-temporal para em segundo lugar demonstrar como a Sociolinguística tem agido atualmente para explicar a situação do vernáculo conquistense, por fim, na terceira parte, apresentamos uma visão da concordância verbal e como ela serve para discutir a origem e a formação do português popular de Vitória da Conquista.

## O RELATIVISMO CULTURA: UM PERCURSO NECESSÁRIO

O **relativismo cultural** é uma postura adotada nas Ciências Sociais, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras. Quando consideramos que as variedades da língua portuguesa, empregadas na escrita ou usadas por pessoas letradas quando estão prestando atenção à fala, não são intrinsecamente superiores às variedades usadas por pessoas com pouca escolarização, estamos adotando uma posição **culturalmente relativa** e combatendo o preconceito baseado em mitos que perduram há muito tempo em nossa sociedade.

O conceito de relativismo cultural foi desenvolvido por antropólogos e linguistas europeus, no início do século XX, graças ao contato com as línguas e culturas dos povos nativos da América do Norte. Tal contato levou-os, especialmente Franz Boas (1911 – 1974) a afirmar que não existem línguas primitivas no sentido de terem de recorrer a



gestos ou outros expedientes para que a comunicação se efetive, se há diferenças, tais diferenças devem ser explicadas em termos da **equivalência funcional**.

A equivalência funcional aplicada às realidades das línguas prova que todas as línguas têm igual complexidade, logo não há fundamento científico para que um código linguístico seja mais valorizado que outros. Seguindo o mesmo raciocínio, Bourdieu (1974) relaciona “prestígio social” ao “prestígio linguístico”.

Boas iria mais além: seria adequado considerar que as línguas ameríndias estavam em um estágio “primitivo”, inferior às línguas indo-europeias, por não possuírem de forma explícitas categorias que essas línguas apresentariam? O antropólogo para responder a tal questão chegaria a concluir que:

- a) A ausência de categorias lexicais e/ou gramaticais não prova a inferioridade de uma língua em relação a outra, já que ambas funcionam de forma a propiciarem a comunicação;
- b) O *modus vivendi* de uma comunidade reflete os valores e os papéis sociais necessários à sua manutenção, em outros termos, à sua coesão estrutural; logo enquanto a comunidade viver, a língua vai perdurar.
- c) O evolucionismo tomado da Biologia para a Antropologia pode apenas ser visto como uma forma adaptativa e não hierárquica, em outros termos, cada povo vivem em seu entorno biossocial e ecológico usufruindo dos recursos do *locus vivendi*.
- d)

Fato conhecido e citado por diversos manuais de linguística é o caso de língua como o Esquimó originalmente só dispunha de numerais até 10 (dez). No entanto se a comunidade como essa for posta em contato com outras em que a quantificação é indispensável, facilmente desenvolve recursos lexicais, pela via do **empréstimo** ou da criação morfológica, para suprir as necessidades. A que conclusão chegaria Boas? Uma língua usada por qualquer comunidade tem o potencial de ampliação, de modificação,



mas tal ampliação e tal modificação devem ocorrer por pressão de alterações sociais, ou seja, ampliar e modificar é resultado de modificações e alterações na comunidade.

Ademais, o relativismo cultural e a equivalência funcional apontam conclusões interessantes:

- a) Qualquer língua e qualquer variedade de língua permaneceram ativas se satisfizerem as necessidade comunicativas das comunidades que a usam;
- b) Se um indivíduo falante de determinada língua ou variedade de língua migrar para outra sociedade poderá incorporar à sua língua padrões existentes nesta outra sociedade, necessitando, da mesma forma, de adaptações funcionais.

Silva (2003), ao estudar comunidades afro-brasileiras, apresentou evidências sobre a emergência de padrões linguísticos decorrentes do contato entre grupos humanos que não utilizavam as mesmas línguas, demonstrando a necessidade de incorporação de morfemas a fim de dar conta das novas necessidades comunicativas. Assim, aplicando-se aos estudos de Silva (2003) a noção do relativismo cultural e da equivalência funcional podemos afirmar sem dúvida que a variação observada pelo pesquisador reflete a complexidade das práticas sociais vigentes, no caso dos estudos de Silva, o contato linguístico entre africanos, afrodescendentes e falantes da variedade prestigiada do português.

Nesse sentido, podemos ver que a Sociolinguística, ao tratar de questões que envolvem grupos em contato, precisa atentar-se para questões de relativismo cultural e equivalência funcional.

## **O PENSAMENTO SOCIOLINGUÍSTICO**

]Tânia Alkimim (2000) afirma que a partir de 1930 começam a aparecer reflexões sobre o social no tratamento de questões linguísticas. Um dos pressupostos



básicos da teoria saussuriana assentava-se na proposição de que a língua é um sistema de signos apoiado nas relações internas que se mantinham no limite desse sistema, assim, seu estudo sistemático exigia liberdade para que não se recorresse a qualquer injunção exterior. Essa postura fez o Estruturalismo, em seus primeiros momentos, excluir os fatores de ordem externa como questões geográficas, socioeconômicas e políticas. Uma das primeiras reações a essa forma de pensar surgiu na Europa com Antoine Meillet que, no entanto, não foi voz única na reação contra aquela forma de tratar os fenômenos linguísticos. Além dele, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen e Emile Benveniste mostraram-se sensíveis à discussão da língua interpretada pelo viés social.

Oportunamente, já reconhecemos a importância de Meillet na tentativa de convergência entre fatores estruturais e sócio-históricos como uma explicação para fatos linguísticos. A postura de Meillet pode ser considerada inovadora para sua época, pois, indo de encontro à corrente estruturalista à qual estava filiado, o estudioso francês tratou do componente social não como uma figuração, mas como instrumento para explicar as variações linguísticas. Em aula inaugural do curso de Gramática Comparada (13/02/1906), Meillet, além de afirmar que a linguística é uma ciência social, postulou que as mudanças linguísticas são diretamente ligadas às mudanças sociais, sendo necessário, portanto, determinar que mudanças sociais provocariam mudanças linguísticas.

As idéias de Meillet, segundo Schlieben-Lange (1977[1958]), fomentaram a reação de outros estudiosos que, ao seguirem sua linha de pensamento, fizeram-no com orientação sociolinguística, dominando a França na primeira metade do século XX.

Marcel Cohen pode ser incluído como um dos pensadores que se interessaram em discutir na França a relação entre língua e sociedade. Ele reconhece que os fenômenos linguísticos encontram realização no contexto variável dos acontecimentos sociais e, ao publicar “Por uma Sociologia da linguagem”, separa os aspectos internos e externos da língua, assumindo que as questões linguísticas a serem discutidas devem partir da consideração dos fatores externos. Para Schlieben-Lange (1977[1958]), “Por uma



Sociologia da linguagem” é uma obra bastante tradicional, uma depuração marxista da história da língua francesa publicada anteriormente pelo autor; no entanto, nele Cohen, ao advogar a necessidade de um diálogo entre as ciências humanas, dá um passo à frente na inclusão de questões sociais no tratamento de questões linguísticas.

Segundo Alkimim (2000, p. 26), Cohen “estabelece um repertório de tópicos de interesse para um estudo sociológico da linguagem, como, por exemplo, o estudo das relações entre as divisões sociais e as variedades de linguagem”. Um dos tópicos a serem investigados, segundo Cohen, inclui a distinção entre variedades rurais, urbanas e de classes sociais, sem dúvida, uma preocupação de uma sociedade em mudança com a progressiva migração interna e o desaparecimento de traços regionais, engolidos pelo poder “neutralizador” dos grandes centros. Marcel Cohen acredita que a ciência responsável por dar tratamento social e linguístico aos problemas observados em seu tempo deveria ser a “linguistiquesociologique”, isto é, linguística sociológica, uma ciência responsável por estudar os fatos sociais por via da língua, analisando o linguístico em harmonia com os outros fatos sociais.

Não podemos nos esquecer de que o desenvolvimento da Sociolinguística na França foi, sem dúvida, influenciado pela Análise do Discurso, já que com base em um enfoque textual passou-se a intentar compreender a relação entre língua e sociedade com fundamento, mormente, na análise de discursos políticos. Devemos citar o nome de Benveniste para quem é dentro da língua e por intermédio da própria língua que o indivíduo e sua sociedade determinam-se um ao outro, já que é através do exercício da linguagem que o homem constrói sua relação com a natureza que o envolve e com os outros homens com quem ele se envolve. Tal visão de Benveniste leva-nos a concluir que não se pode estudar a língua sem a sociedade que a utiliza como meio de simbolizar seus valores, pois a língua é instrumento de análise da sociedade.



## APLICANDO CONCEITOS

Nesse estudo, apresentaremos evidências de como a Sociolinguistas tem utilizado o relativismo cultural e a equivalência estrutural nas pesquisa que desenvolve.

Araújo (2014), numa abordagem sociolinguística e sócio-histórica, destaca a importância de se estudar os usos linguísticos inseridos na estrutura social mais ampla da comunidade de fala, pois não se pode ignorar a natureza distinta da variação na concordância verbal, pelo fato de a ausência da concordância servir como estigma sociolinguístico no Brasil, associado à população socioeconomicamente menos favorecida ao longo da história brasileira. Observa-se, também, que é digno notar que na estrutura linguística há amplamente ausência de marcas formais de concordância no vernáculo brasileiro, inclusive, em contextos mais salientes, como em “nós é fraco” e “eles veio”, ao passo que, na variante culta, a variação está associada a contextos estruturais específicos, como a posposição do sujeito e distância entre sujeito e verbo, contextos esses que também são essenciais para a variação na norma culta brasileira. Barbosa (2015) a respeito disso afirma:

Além disso, Silva (2005) afirma que acredita “que a variação na concordância verbal tenha como causa principal fatores sintáticos (a distância entre sujeito e verbo) e fatores semânticos (concordância *ad sensum*, no caso do coletivo) que se repetiriam em períodos posteriores da nossa história linguística e que se repetem na realidade oral de muitos falantes do português do Brasil. Tais fenômenos do português arcaico teriam sido os responsáveis por desencadear os níveis de concordância verbal observados em três comunidades do interior do Estado da Bahia. (BARBOSA, 2015)

A respeito disso, podemos ver que Silva traz um acréscimo à situação exposta: “a ausência de concordância no português popular não está em uma raiz do português arcaico que aqui se desenvolveu mais do que em Portugal, mas na situação do contato que produziu uma erosão de estruturas que por influxo de fatores externos estão sendo



recuperadas. Não se encontram na língua portuguesa arcaica construções que se assemelham ao que vemos no português popular do Brasil (SILVA, 2005, p.196).

Além de Silva (2005), Lucchesi, Baxter e Silva (2009) assim se pronunciam:

Lucchesi, Baxter e Silva (2009) salientam a importância do estudo sobre a concordância verbal, tanto para discutir as características sociolinguísticas do PB em oposição do PE quanto para fomentar o debate sobre a importância do contato entre línguas na constituição da realidade linguística brasileira. Os autores discutem o continuum sociolinguístico do PB, salientando a frequência diferenciada de uso do morfema de plural na norma urbana culta, nas comunidades rurais afro-brasileiras, e nas intermediárias (a norma semiculta urbana e as populares rurais/ rurbanas). (ARAÚJO, 2014, p. 186)

Qual seria segundo os autores a origem da variação no português popular? Deixemos Barbosa (2015) responder:

Para além do quadro diferenciado em relação aos percentuais de aplicação versus não aplicação das regras de concordância de número, os autores demonstram as tendências distintas de mudança observadas nas comunidades afro-brasileiras, em que os informantes mais jovens exibem maiores índices de aplicação da regra, o que leva a se postular uma mudança aquisicional e não uma perda contínua e gradual de marcas da morfologia flexional de número. Os autores expõem que, no passado, a erosão na morfologia, além de ter sido maior (os mais velhos são os que mais usam a variante zero), atingiu também a primeira pessoa do singular – isso pelo menos nas localidades em que o contato entre línguas foi mais intenso. (BARBOSA, 2015)

Tais visões sociolinguísticas sobre a história da concordância no Português do Brasil apresentam claramente um quadro em que uma forma linguística é tomada como estigma e como elemento diferenciador de classes sociais. Logo podemos ver como o relativismo cultural e a equivalência funcional corroboram com as visões trazidas pelos autores, já que as formas adaptativas foram provocadas por pressões de contato linguístico.





## CONCLUSÕES

A Sociolinguística tem se mostrado como alternativa explicativa para os fenômenos percebidos no Português do Brasil. Nesse sentido, o relativismo cultural e a equivalência funcional aparecem como elementos de acréscimo para a aceitação de diversas normas, convivendo de forma harmônica no tocante à funcionalidade linguística, mas em conflito segundo os padrões sociais.

Nesse sentido, as crises escolares advindas de pressões linguísticas podem ser atenuadas por práticas voltadas para a compreensão do relativismo cultural e equivalência funcional, largamente expostos pelas Ciências Sociais.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Elenita Alves. **Aula de português: um encontro! e seus desencontros (desencantos)?!**. Monografia (Especialização em teoria e Método do ensino de Língua Portuguesa). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-Bahia, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MATELOTTA, Mário Eduardo (Org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. 2. ed..
- CUNHA, Celso. CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. 5. ed.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- FRANCHI, Carlos (et all). **Mas o que é mesmo ensinar gramática?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: trajetória de uma proposta. In: \_\_\_\_\_. **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. UFPB: João Pessoa, 2004, p. 13-28.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática In MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. P. 43. 2. ed. 2ª reimpressão.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto, 2013. 4. ed., 1ª reimpressão.

PRETI, Dino. A Propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo, Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. 2. ed.

SANTOS, Danilo da Silva; SILVA, Jorge Augusto Alves. As variáveis sociais e o uso da concordância verbal: dados do português popular de Vitória da Conquista-BA. In: **Fólio: Revista de Letras**. v. 6. n. 1 (jan./jun. 2014)

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

\_\_\_\_\_. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013